

AS POSSIBILIDADES DE REVERSÃO DO DÉFICIT FISCAL SÃO BASTANTE REMOTAS

(Do ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen)

Economia só acelera em abril

Brasil
A PREVISÃO É DO MINISTRO PEDRO MALAN. ELE ESPERA INFLAÇÃO DE 20% EM 96 E DIZ QUE JUROS CONTINUAM A CAIR LENTAMENTE

O Brasil só vai reverter a desaceleração econômica a partir do segundo trimestre de 96, disse ontem em São Paulo o ministro da Fazenda, Pedro Malan. As taxas de crescimento só serão altas novamente depois da metade do ano — e mesmo assim porque elas serão comparadas com as do mesmo período de 95, bem menores do que no começo deste ano. Malan lembrou que para este ano o IBGE prevê crescimento do PIB em torno de 4% e o Ipea, de 4,5%.

Em palestra no seminário "O que esperar de 1996", promovido pela Internews no Palácio das Convenções do Anhembi, Malan afirmou que a desaceleração da taxa de crescimento da economia será mantida durante todo o primeiro trimestre do ano que vem.

O ministro espera que a inflação de 1996 fique em torno de 20%. Para os ex-ministros da Fazenda Mário Henrique Simonsen e Marcílio Marques Moreira, que também participaram do seminário, a inflação pode ficar em 15%. O ex-presidente do Banco Central Ibráhim Eris chegou a arriscar que uma taxa próxima de 10% não é completamente irreal.

Malan não quis dizer qual será a taxa de juros nas viradas dos próximos meses. Ele admitiu as críticas de que os juros caem "em passo de cágado", mas considerou que o que importa hoje para o futuro da economia é a capacidade do Brasil fazer prevalecer a ideia de um ajuste fiscal duradouro e a eficácia administrativa do setor público. Segundo ele, isso depende de toda a sociedade.

Quanto ao sistema de câmbio para o ano que vem, Malan disse que o governo continuará aperfeiçoando o atual sistema de bandas cambiais. Ele descartou as hipóteses de regime igual ao da Argentina, de flutuação totalmente livre, de adoção de maxidesvalorizações ou de a taxa de câmbio ser indexada à inflação corrente.

Para Simonsen, Marques Moreira e Eris, o déficit fiscal, que já alcançou 3,4% do PIB em setembro, pode se transformar no principal problema do Plano Real. Simonsen considera que o perigo já está no curto prazo. "As possibilidades de uma reversão radical desse déficit no próximo ano são bastante remotas", disse, em participação gravada especialmente para o evento.

Duas versões para 96

	Cenário A * (mais provável)	Cenário B ** (pessimista)
Inflação (%)	16 a 18	36 a 38
Juros Reais (%)	14 a 15	19 a 21
Câmbio (R\$/US\$)	1,04 a 1,05	1,19 a 1,21
Reservas (US\$ bi)	50 a 52	28 a 30
Cresc. do PIB (%)	2,3 a 2,8	4,5 a 5,5
Bolsas	Favorecidas	Desfavorecidas
Ativos Reais	Recuperação Gradual	Mais veloz

* Premissas: avanço nas reformas, estabilidade nos países emergentes, juros internacionais estáveis, privatização, apoio político...
** Premissas: Reformas não aprovadas, desequilíbrio internacional, dificuldades políticas...
Fonte: Lloyds Bank